



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v.17, n.1, p. 168-189, jan-jun, 2022

Fluxos decoloniais em redes digitais por uma conectividade nortista

Flujos decoloniales en redes digitales para una conectividad del norte

Decolonial flows in digital networks for a northern connectivity

Jessica de Souza Carneiro

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob orientação do prof. dr. Walter Teixeira Lima Júnior. jessica.souza.jor@gmail.com

Walter Teixeira Lima Júnior

Docente do PPGCOM UFPA e do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).
walter.lima@unifesp.br

RESUMO

Este artigo discute fluxos de conteúdos que surgiram em redes sociais mediante a ação colaborativa de usuários, a qual facilitou o alcance de informações sobre as crises de energia e de saúde que passaram os estados brasileiros do Amapá e do Amazonas no período pandêmico. Tais informações chegaram à mídia tradicional e ao restante do país devido à popularidade alcançada pelas *hashtags* #SoSAmapá e #SoSA Amazonas, que propagaram mensagens decoloniais (Suess; Silva, 2019) em uma tessitura de conexões que denominamos pró-Norte (nortista). Como método para desenvolver a análise, realizamos buscas por palavras-chave no Google Notícias, bem como nas plataformas Twitter e Instagram; além da pesquisa pela atividade das *hashtags* na ferramenta *Hashtagify*, a qual nos permitiu vislumbrar um mapeamento inicial da rede de usuários integrantes da ação de divulgação referente aos temas de nosso interesse. Para isso, valemo-nos da Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (2012), e dos Estudos de Discurso Mediado por Computador e Redes Sociais (Recuero et. at. 2020). Como resultado, observamos que a região Norte do Brasil é mais suscetível não só no que consiste à cobertura jornalística do "exótico", como também a ataques e saques de recursos, o que vêm sendo levantado pelos neofluxos (Lima Jr., 2011) comunicacionais que buscamos apresentar.

Palavras-chave: fluxos decoloniais; conectividade; *hashtags*; redes sociais; Norte.

RESUMEN

Este artículo analiza los flujos de contenido que surgieron en las redes sociales a través de la acción colaborativa de los usuarios, lo que facilitó el alcance de la información sobre las crisis energética y de salud que vivieron los estados brasileños de Amapá y Amazonas durante el período de pandemia. Tal información llegó a los medios tradicionales y al resto del país por la popularidad alcanzada por los *hashtags* #SoSAmapá y #SoSA Amazonas, que propagaban mensajes decoloniales (Suess; Silva, 2019) en una textura de conexiones que llamamos pro-Norte). Como método para desarrollar el análisis, realizamos búsquedas de palabras clave en Google News, así como en las plataformas de Twitter e Instagram; además de la búsqueda de actividad de *hashtag* en la herramienta *Hashtagify*, lo que nos permitió vislumbrar un mapeo inicial de la red de usuarios que participan en la acción de difusión respecto a los temas de nuestro interés. Para ello, utilizamos la Teoría del Actor-Red, de Bruno Latour (2012), y los Estudios del Discurso Mediado por Computadora y Redes Sociales (Recuero et. at. 2020). Como resultado, observamos que la región Norte de Brasil es más susceptible no solo a la cobertura periodística de lo "exótico", sino también a los ataques y retiros de recursos, que han sido suscitados por los neoflujos comunicacionales (Lima Jr., 2011). que queremos presentar.

Palabras clave: flujos decoloniales; conectividad; etiquetas; redes sociales; Norte.

ABSTRACT

This article discusses content flows that emerged on social networks through the collaborative action of users, which facilitated the reach of information about the energy and health crises that the Brazilian states of Amapá and Amazonas experienced during the pandemic period. Such information reached the traditional media and the rest of the country because of the popularity achieved by the *hashtags* #SoSAmapá and #SoSA Amazonas, which propagated decolonial messages (Suess; Silva, 2019) in a texture of connections that we call pro-North (Northern). As

a method to develop the analysis, we performed keyword searches on Google News, as well as on Twitter and Instagram platforms; in addition to the search for hashtag activity in the Hashtagify tool, which allowed us to glimpse an initial mapping of the network of users participating in the dissemination action regarding the topics of our interest. For this, we use the Actor-Network Theory, by Bruno Latour (2012), and the Studies of Computer-Mediated Discourse and Social Networks (Recuero et. at. 2020). As a result, we observed that the North region of Brazil is more susceptible not only to journalistic coverage of the "exotic", but also to attacks and withdrawals of resources, which have been raised by the communicational neo-flows (Lima Jr., 2011) that we seek to present.

Keywords: decolonial flows; connectivity; hashtags; social networks; North.

Introdução: a falácia da integração da Amazônia

Ainda no século XXI, depois da denominada integração da Amazônia ao restante do país - tendo como marco o golpe militar de 1964, quando se procurou implementar projetos de “desenvolvimento” e “crescimento” da Amazônia -, continua sendo necessário chamar atenção dos poderes instituídos sobre a degradação ambiental, social, cultural e humana pela qual essa região passa historicamente, por vias alternativas que não aquelas que se utilizam dessa visão/ação colonizadora para argumentar o progresso e o crescimento econômico brasileiros (Ramos, 2019).

Algumas décadas depois, vemos que esse discurso ainda ecoa na naturalização de uma perspectiva de colonialidade contínua, que olha para a Amazônia por meio da lógica de ocupação, no que consiste em explorar recursos naturais e territórios para o crescimento do restante do país, dizimar a floresta em favor do agronegócio, não proteger populações tradicionais, etc. Colocando a região numa posição de subalternidade e dependência comercial e econômica (Ramos, 2019; Loureiro, 2012; 2022). Ou seja, a ideia de uma Amazônia integrada ao resto do país é falaciosa, desde sua concepção até os dias atuais.

Nessa perspectiva, qual o papel da mídia? Vemos que, cada vez mais, devido ao viés político de tais coberturas, a grande mídia tem se esquivado em dar visibilidade a essas situações ou mesmo ela está viciada à visão colonizadora que destina ao Norte o estereótipo do exótico ou reserva natural, a ser explorada para o benefício do restante do país. Os aspectos humanos, socioculturais são esquecidos entre tantas reportagens ou, quando abordados, aparecem de forma folclórica ou como menos importantes (Mansuêto, 2011, citando Ferreira em informação verbal)¹. É como se na região não houvesse centros urbanos, onde vivessem pessoas, além de caboclos, indígenas e ribeirinhos. Em outros casos, ainda, vemos a imprensa atuando de forma publicitária ou com cobertura exclusivamente regionalizada².

No contexto contemporâneo, em que a prática jornalística não é mais isolada, pois grande parte da população tem acesso à internet, celulares e câmeras - e a premissa é a de ação colaborativa na produção de conteúdo -, são os movimentos sociais ou atores da própria sociedade civil interconectada (Benkler, 2006) que buscam, por meios alternativos, e aí entra o potencial das redes sociais interativas (Recuero, 2014), para a defesa da Amazônia, gerando ações em rede que se aproveitam da conectividade do ciberespaço para chamar atenção à degradação dessa região e às suas questões sociais, levando os seus assuntos ao debate.

É o caso de duas *hashtags*³ - termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais - que se popularizaram nas redes no final de 2020 e início de 2021 e que chamaram nossa atenção. A *tag* #SoSAmapá, que buscou denunciar a situação de *blackout* energético (#apagãonoAmapá) pelo qual passou o estado por quase 20 dias, no mês de novembro do ano passado, chegou a ser uma das mais comentadas no Twitter brasileiro⁴.

Logo no início de 2021, com a segunda onda da covid-19 no Amazonas, a *tag* que vimos surgir foi a #SoSAmazonas, associada à #oxigênio para Manaus, a qual buscou evidenciar a realidade da crise hospitalar vivenciada no estado, que não tinha leitos, estrutura ou mesmo oxigênio para atender a toda a população acometida pelo coronavírus em Manaus (capital) e no interior, incluindo comunidades indígenas.

Podemos dizer que, nesse cenário, a própria sociedade - por meio da ação em redes digitais - foi protagonista em gerar conteúdo de relevância social e pautar a mídia sobre a região Norte do Brasil? Tudo bem que, após lançada a pólvora, a mídia também cobriu o

assunto, mas é verdade que ela o publiciza os fatos segundo enquadramentos o que lhe são convenientes?

Nossa hipótese é a de que as tecnologias digitais conectadas, definidas como:

Um formato de comunicação mediada por computador (CMC) que permite a criação, compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. Possui como principal característica a participação ativa (síncrona e/ou assíncrona) da comunidade de usuários na integração de informações (Lima, 2009, p. 97).

O acesso ao Twitter e o Instagram, gera um ecossistema comunicacional aos moldes do conceito internacional de *Media Ecology* (Strate, Braga e Levinsson, 2019), do qual participam diversos atores, os quais, ali, se igualam enquanto “fabricantes de informação” na medida em que dispõem do poder de influência, de disseminação e de participação propiciado pelo universo *online*. Quanto mais poder de repercussão/reverberação da *tag*/ assunto, mais a informação é compartilhada até, quiçá, chegar ao debate público por meio da mídia tradicional e do envolvimento das autoridades governamentais.

Temos como objetivo, portanto, mapear os atores que fazem/fizeram parte dessas redes de fluxos que denominamos decoloniais de informação sobre a Amazônia. Segundo Suess e Silva (2019), o pensamento decolonial “se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos”. Nesse sentido, tais conteúdos chamaram nossa atenção sobre as necessidades de assistência pelas quais também passam os municípios e povos não apenas da floresta como também dos centros urbanos da região.

Assim, elencamos para análise conteúdos indexados com as *hashtags* #SoSAmapá e #SoSAMazonas, que consideramos terem propagado mensagens decoloniais em uma tessitura de conexões que denominamos pró-Norte. Para isso, realizamos buscas por palavras-chave no Google Notícias, bem como nos diretórios de pesquisas do Twitter e do Instagram, além da pesquisa pela atividade das *hashtags* na ferramenta *Hashtagify*⁵, a qual nos permitiu vislumbrar um mapeamento inicial da rede de usuários integrantes da ação de divulgação referente aos temas de nosso interesse, valendo-nos das técnicas sugeridas pela Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour (2005), e dos Estudos de Discurso Mediado por Computador e Redes Sociais (Recuero et. at. 2020).

A Amazônia sob o olhar da mídia

Não é de hoje que a discussão sobre o olhar do jornalismo brasileiro nas coberturas sobre a Amazônia é alvo de atenção de pesquisadores e especialistas da área. Ainda em 2015, Celso Schröder, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, falava da cobertura da mídia brasileira sobre temas relacionados à Amazônia e a importância da regionalização das produções:

A cobertura que a mídia nacional faz sobre a região amazônica, embora tenha aumentado, ou seja, embora exista mais pautas e mais temas sobre a região amazônica, eu ainda acho que ela é pautada sob uma visão

colonialista. A mídia ainda trata a região Amazônica como um depósito de bens naturais, uma espécie de reserva mundial da fauna e da flora, meio que patrimônio mundial, e não como uma região do país, do Brasil, uma região riquíssima nacional, portanto atendendo a interesses nem sempre legitimamente constituídos no Brasil, e, por outro lado, também uma visão que atribui à Amazônia, simplesmente, uma reserva econômica, ou seja, uma visão extrativista, né? Também reproduzindo essa visão colonialista [...] (Schröder, 2015, em informação verbal).

A fim de vislumbrar tais características, realizamos uma busca no Google Notícias por palavras-chave, a qual nos mostrou que a abordagem do tema “Amazônia” fica setorizada ao chamado jornalismo ambiental ou às editoriais de economia - sob o viés da exploração - e ciência - com enfoque na biodiversidade -, como se a região fosse constituída apenas de floresta.

Vejamos a reprodução de tela (fig.1) da busca realizada no Google Notícias em 17 de fevereiro de 2021:

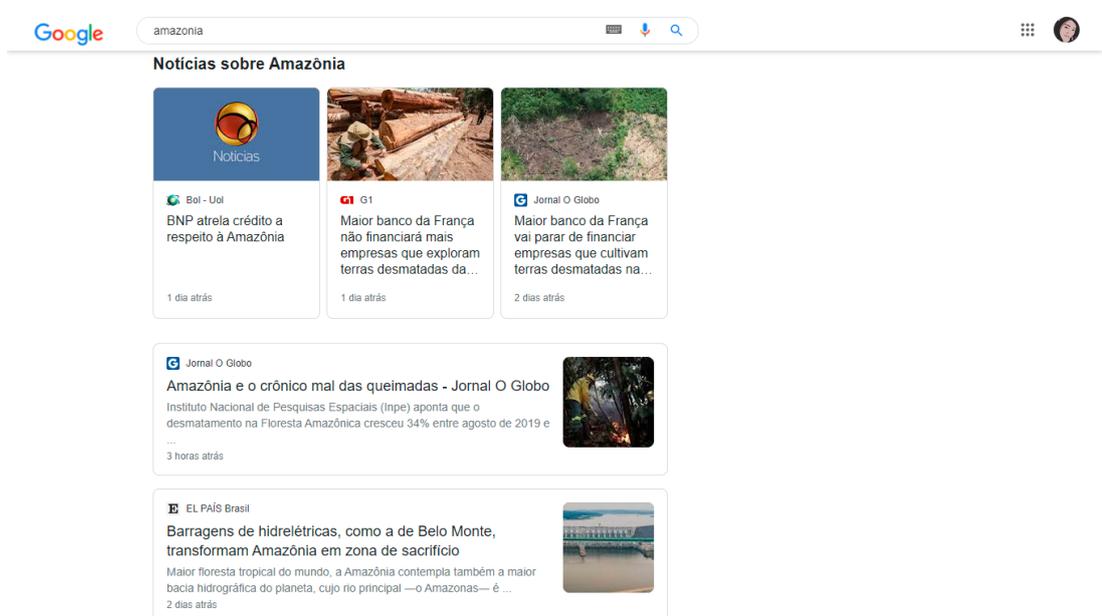


Figura 1 – Busca do termo “Amazônia” no Google Notícias. Fonte: <https://www.google.com/>

Quando a ênfase é em ações de preservação/conservação, entram em cena as organizações não-governamentais, movimentos sociais e/ou de esquerda. Inclusive, abordando o assunto, a jornalista Steigleder (2021), reproduz uma fala do atual Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que, ao ser questionado sobre as decisões do governo acerca das políticas ambientais do país contestadas judicialmente, responde: “a imprensa, aparelhada pela esquerda, e os partidos se juntam e tocam ação no Judiciário” e que as notícias de que o país sofre com o desmonte ambiental se tratam de “militância disfarçada de jornalismo”.

Conforme sugere a jornalista, doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental⁶, embora haja cobertura sobre a região, no país, ela se dá de maneira pulverizada, e só ganham relevância os temas considerados “pautas quentes”, isto é, “assuntos que, dotados de impacto evidente e inquestionável, repercutem em todos os noticiários do dia” (Steigleder, 2021). De

modo que, arriscamos dizer: se não forem as ditas “pautas quentes”, as informações sobre a região Norte do Brasil ficariam nos *sites* e noticiários regionais ou ainda os de entidades científicas e não-governamentais.

Indo ainda mais longe, questionamos: quem via (ou vê) recorrentemente na imprensa nacional assuntos sobre os estados do Amapá e/ou do Amazonas antes do surgimento das *hashtags* de redes sociais que já mencionamos anteriormente, a saber #SoSAmapá ou #SoSAamazonas? Ou mesmo as *tags* de desdobramento como #ApagãonoAmapá e #Oxigênio para Manaus?

Em 17 de fevereiro de 2021, sobre o “Amapá”, encontramos no Google Notícias (fig.2) as seguintes pautas:

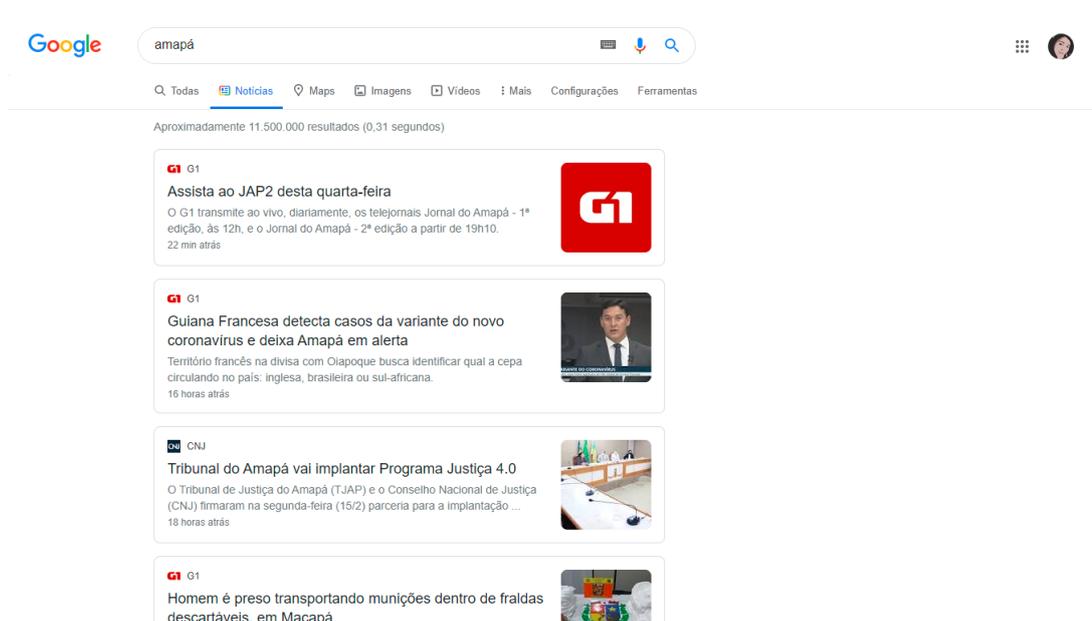


Figura 2 – Busca do termo “Amapá” no Google Notícias. Fonte: <https://www.google.com/>

Vemos que a questão energética no Amapá não está mais entre as denominadas “pautas quentes”. Será que podemos dizer que a abordagem sobre o apagão de novembro/2020 só chegou à grande mídia após a grande repercussão que teve por meio de informações compartilhadas na *web* e/ou redes sociais? Tal questionamento nos leva a concordar com Loose & Balbé (2020) que apontam a ocorrência de uma desconexão entre a pandemia da Covid-19 e a cobertura ambiental brasileira.

Se a palavra de busca for “Amazonas”, no entanto, os resultados do dia 17 de fevereiro de 2021 (fig.3) foram os que se seguem:

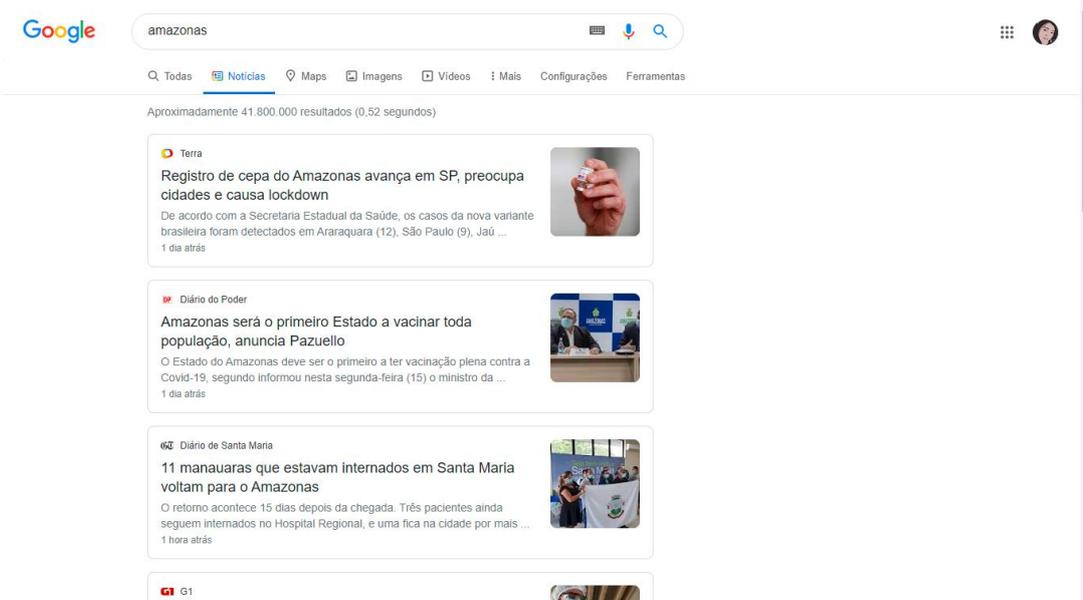


Figura 3 – Busca do termo “Amazonas” no Google Notícias. Fonte: <https://www.google.com/>

Tendo a crise sanitária estourado no estado em janeiro de 2021, vemos que o desenrolar local da covid-19 ainda está em voga na imprensa de *web*, mas a situação do colapso da saúde no Amazonas só aparece na busca se descermos a barra de rolagem do computador, na quinta posição, como manchete de um jornal dito de “esquerda”, da imprensa espanhola, o *El País*, inclusive já extinto em sua edição brasileira⁷ por falta de recursos, como se vê na fig. 3.1:

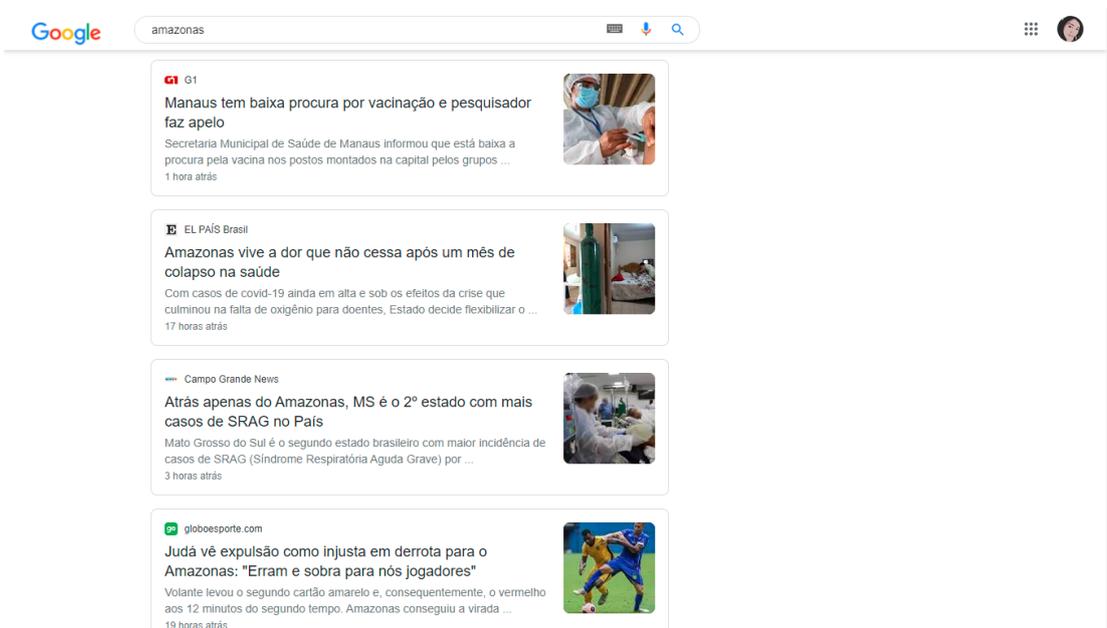


Figura 3.1 – Busca do termo “Amazonas” no Google Notícias. Fonte: <https://www.google.com/>

Se observarmos ainda com mais afinco, vemos que os noticiários nacionais, inclusive, abordam a variante do corona vírus que surgiu no Amazonas como sendo da ordem do “exótico”.

A formação de fluxos decoloniais: uma rede pró-norte

No ambiente digital, tanto o Twitter quanto o Instagram, enquanto redes sociais para produção de conteúdo, têm o potencial de engajar *hashtags* e incluir a participação do público na disseminação de notícias sobre determinado assunto em particular. Termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, com o símbolo da cerquilha (#) inserido antes da palavra temática, frase ou expressão, as *hashtags*, quando utilizadas nas plataformas, se transformam em *hiperlink*, o qual leva para outras publicações relacionadas ao mesmo tema suscitado.

Nasce, assim, um ecossistema informacional alternativo ao da mídia tradicional, marcado pela disputa de poder para a detenção da opinião pública no sentido de agregar forças e, assim, ter voz e lugar de fala sobre os mais variados assuntos.

Nos últimos anos, inclusive, vemos mais fortemente a presença de grupos marginalizados dos espaços da mídia de elite, usando *hashtags* para promover contra-narrativas, impedir o giro político e construir diversas redes de dissidência (Jackson, Bailey & Weels, 2020), o que nos oferece percepções essenciais sobre as formas de ativismo da contemporaneidade e o futuro da governança (Tufekci, 2019).

Seja porque esses espaços também abrigam “militantes”, como na definição do Ministro do Meio Ambiente, seja porque tais tecnologias são formadas por uma topologia comunicacional capaz de gerar fluxos de informação que são próprios a esse novo formato da esfera pública interconectada, portanto, marcados pela ação colaborativa em rede.

Esses novos fluxos informativos, a nosso ver, colocam no mesmo patamar os jornalistas e os chamados influenciadores, engajadores, colaboradores, colunistas, narrativistas, correspondentes, etc. Ao que Bruno Latour (2012), na perspectiva da Teoria Ator Rede (TAR), denominou “actantes”, isto é, “aqueles que desempenham papel de agir” (Santaella, 2010, p. 11).

Callon (1986, p. 93) *apud* Santaella (2010, p. 38) explica ainda que “as atividades desses atores consistem em fazer conexões e alianças com novos elementos de uma rede e, com isso, serem capazes de redefinir e transformar os componentes dessa rede”. Em síntese, cada actante conectado “depende, influencia e fortalece a posição de qualquer outro” (Santaella, 2010, p. 38).

Mas por que chamamos tais fluxos de decoloniais e por que a rede é pró-Norte? Bem, as principais postagens que levantaram ambas as *tags* que nos propomos analisar neste artigo, muitas vezes, inclusive, chamaram atenção sobre a cultura de exploração que se sobressai todas às vezes que o Norte aparece em noticiários, sobretudo, os de elite (Loureiro, 2022).

Vejamos alguns exemplos (fig.4):

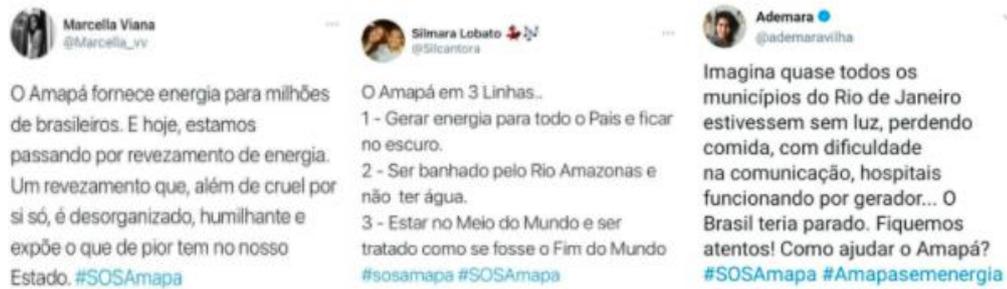


Figura 4 – *Prints* de tela de tuítes marcados com a tag #SoSAmapá. Fonte: perfis públicos em <https://twitter.com>.

Os exemplos acima mostram como os atores sociais que aí se manifestam, na perspectiva da TAR (Latour, 2012), se colocam como mediadores da causa, uma vez que “participam do processo de construção social e estão intrinsecamente ligados pelas questões relativas à identidade, participação e coletivo” (Cavalcante et. al., 2017). Nesse contexto: a de ser amapaense ou estar no Amapá, ou simplesmente ser brasileiro que conhece a história de seu país, no momento de crise energética da região Norte.

No que consiste ao Amazonas, não poderíamos encontrar um exemplo mais significativo do que o que se segue. Eduardo Bueno é escritor e os *prints* abaixo (fig.5) foram extraídos de seu perfil público no Instagram:





Figura 5 – *Prints* de tela de *post* em carrossel no Instagram @buenoideias sobre a situação do Amazonas. Fonte: perfil @buenasideias no <https://www.instagram.com/>

O perfil do escritor vem fazer coro ao que se diz no conteúdo indexado na *tag* #SoSAMazonas, de modo que, agora, a voz de Bueno, enquanto especialista, não está mais isolada, e sim, associada à voz de muitos outros atores que revelam a condição de submissão do Norte brasileiro. Quando isso ocorre no ambiente digital de maneira espontânea, como podemos vislumbrar a partir da popularização das *hashtags*, entendemos com Latour (2012), que:

A ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada antes como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos (Latour, 2012, p. 72).

Recuero et. al. (2020, p. 134), dizem que é como um jogo, em que o objetivo é “construir conhecimento e naturalizar o discurso” em um cabo de força em que as disputas são simbólicas. Nessa esfera pública, a mídia social determina a participação dos atores, os quais geram efeitos sobre a produção e circulação dos discursos que constituem a opinião pública.

No cenário em análise, em alguns casos, as postagens foram feitas, sim, por moradores da própria região, mas, outros, vieram de pessoas dos mais diversos estados brasileiros (fig.6):

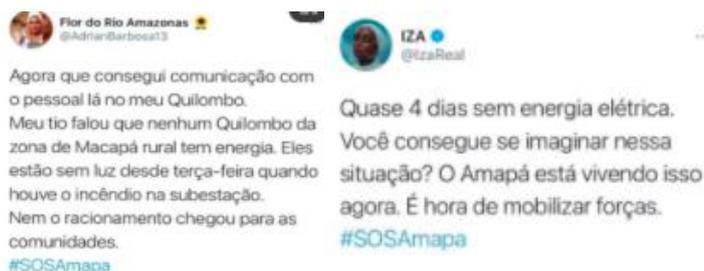


Figura 6 – *Prints* de tela de tuítes tagueados com #SoSAmapá. Fonte: perfis públicos em <https://twitter.com>

Um dos *posts* é oriundo de um perfil quilombola, macapaense. A outra postagem é da cantora carioca, Iza, que é negra e mora no Rio de Janeiro. Assim, a ação “Pró-Norte” é assumida por outros que também “a açambarcam e a dividem com as massas. É levada a cabo de maneira misteriosa e, ao mesmo tempo, partilhada” (Latour, 2012, pp.73-74). É a conclusão de que a força social da Teoria Ator-Rede está agindo e estamos mostrando exemplos de actantes e suas causas.

Abaixo, um carioca que mora em BH também chamou atenção sobre a situação do Amazonas, no Twitter e no Instagram (fig.7):



Figura 7 – *Prints* de tela de tuítes republicados em perfil no Instagram com a tag #SoSAMazonas.

Fonte: perfil @HenriqueKorman no <https://www.instagram.com/>

Vemos, então, que há uma “aliança” sobre a causa nortista em que o social se forma a partir das associações, fluxos e mediações em que diversos atores se agrupam e se reagrupam de diversas maneiras. Weber (1947, p. 88) *apud* Latour (2012, p. 75) diz que a ação social individual, ainda que subjetiva, “leva em conta o comportamento dos outros e por eles se orienta em seu curso”.

E, a sociedade civil interconectada não apenas fez a vez da mídia, ao dar visibilidade para o resto do Brasil sobre o que vinha acontecendo no Amapá e no Amazonas, como também assumiu a função do Governo, ao angariar fundos⁸, a fim de amenizar a situação do povo Nortista. Movimentos sociais, organizações não-governamentais e de militância

política, até mesmo, interpelaram a comunidade digital a fazer parte das campanhas, como se vê nos *prints* da figura 8:



Figura 8 – *Prints* de tela do perfil@gpbr.manaus no Instagram com a *tag* #SoSAMapá. Fonte: perfil@gpbr.manaus em <https://www.instagram.com/>

Nessa perspectiva, tais atores levam outros atores a também agirem pela causa, quando chegamos ao conceito de “rede”. “Se se diz que ator é um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a primeira fonte de incerteza quanto à origem da ação” (Latour, 2012, p. 76). Independentemente de quem deu o primeiro passo, o movimento foi instalado e se prolifera por meio dos “influenciadores”, aqui entendidos como “aqueles que tecem a rede” (Latour, 2005, p. 189) ou mesmo “actantes”.

A rede de reverberação da #SOSAMAPÁ

Evocando Castells (2000) para o entendimento de rede como um modo privilegiado de organização facilitado pelo alcance da tecnologia da informação, vamos lançar mão do aplicativo para rastreamento de *hashtags* em redes sociais *Hashtagify* para vislumbrarmos um mapeamento inicial da rede pró-Norte que se formou no ambiente digital na reverberação das *hashtags* #SoSAMapá e #SoSAMazonas.

Segundo a pesquisa pela *tag* #SoSAMapá no aplicativo, o assunto teve significativa popularidade, tendo tido desdobramento por meio de outras *tags*, como se vê no *print* de tela a seguir (fig.9):



Figura 9 – Gráfico sobre a *tag* #SoSAMapá e outras relacionadas a ela utilizadas em redes sociais. Fonte: *Print* de tela do aplicativo *Hashtagify*

Do que podemos dimensionar os fluxos de translação que o assunto gerou a partir das conexões, associações e articulações com outros nós da rede e suas próprias tessituras relacionais, estas, por sua vez, geram outras ações, movimentos e diferenças. Está instalada a complexidade das conexões envolvidas.

A ferramenta *Hashtagify* permite ainda que visualizemos os principais perfis públicos que dispararam mensagens marcadas com a *hashtag* no Twitter (fig.10):



Figura 10 – Lista com principais perfis que tuitaram a tag #SoSAmapá. Fonte: *Print* de tela do aplicativo *Hashtagify*.

Cada um desses perfis representa um actante em movimento na rede, estes atingem interagentes em potencial, “fazendo parte de relações de interação sem que um determine o outro” (Cavalcante et. al., 2017, p. 4).

Podemos ainda visualizar um quadro com alguns dos *tuites* mais recentes e de principal reverberação sobre o assunto (fig.11):

A rede de reverberação da #SOSAMAZONAS

Para a tag #SoSAMazonas, os resultados são os seguintes (fig.12):



Figura 12 – Gráfico sobre *tags* relacionadas e principais perfis que tuitaram #SoSAMazonas. Fonte: *Print* de tela do aplicativo *Hashtagify*.

Do que avaliamos que, a *hashtag* também teve popularidade fora do Brasil, a exemplo da *tag* #Amazonfires, uma vez que países de fronteira, pertencentes à Pan-Amazônia, vivenciaram situações parecidas com a dos amazonenses, e também a utilizaram para marcar seus conteúdos (fig.13):

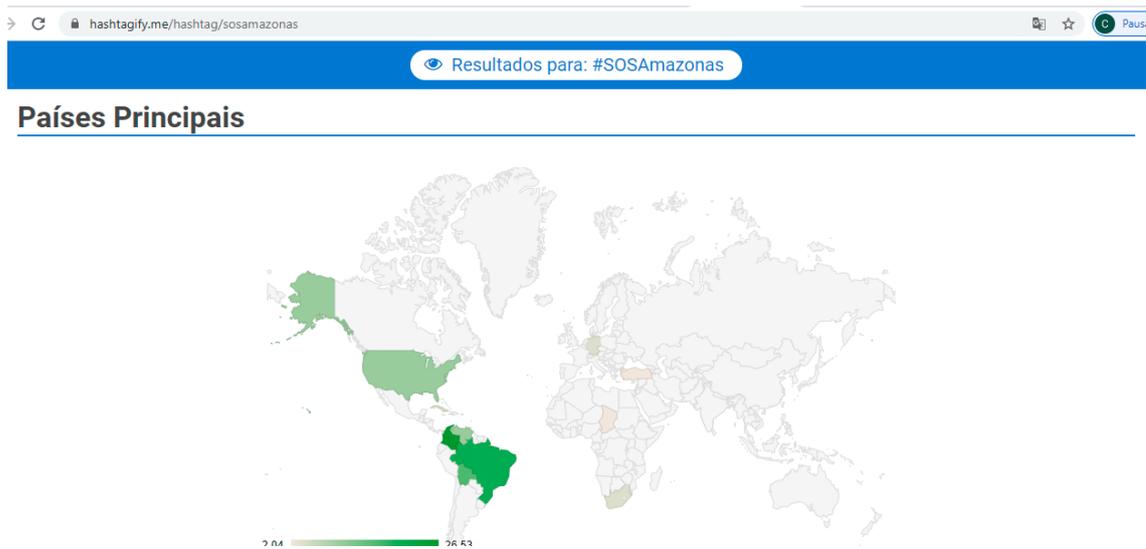


Figura 13 – Principais países que originaram tuites com a *tag* #SoSAMazonas. Fonte: *Print* de tela do aplicativo *Hashtagify*.

Isso bem reflete os movimentos que Latour (2012) enumera para a reagregação do social na perspectiva da TAR, sendo o primeiro movimento localizar o que pode ser de interesse global, ainda que seja local; o segundo, redistribuir o local de modo que se torne global; e, o terceiro, a formação das conexões, estas responsáveis para que tais movimentos façam sentido na rede e fora dela.



Figura 11 – Lista com principais tuites com a *tag* #SoSAmapá
Fonte: *Print* de tela do aplicativo *Hashtagify*

Do que inferimos que a rede pró-Norte que se formou em torno do tema foi/é principalmente formada, além de moradores/influenciadores da região e de outros estados, por artistas, políticos, militantes, ativistas, jornalistas e/ou veículos de comunicação, como o G1 Amapá, um dos poucos de cobertura local sediado na capital Macapá. Como aponta Latour (2012), mediadores que, na ambiência digital, podem se tornar intermediários e vice-versa.

No método de Estudos de Discurso Mediado por Computador e Redes Sociais, Recuero et. al. (2020, p. 132) afirmam também que são os atores da esfera pública *online* que “determinam quais informações serão reproduzidas, quais serão reverberadas, quais receberão visibilidade e quais serão debatidas”, de modo que, se a partir daí a #SoSAmapá chegou também na mídia tradicional, significa que o “jogo” surtiu efeito. Isto é, a Teoria do Agendamento (McCombs e Shaw, 1972), na contemporaneidade, ganha mais um elo entre o que sai na mídia e o que se debate na esfera pública: as redes sociais digitais.

A cobertura de mídia na era da Big Tech

Tendo consciência de que, atualmente, vivemos a era do capitalismo de dados (Couldry e Mejias, 2019), podemos concluir que a vida digital – esta exacerbada com as exigências de isolamento social advindas da pandemia e com os fenômenos cada vez mais evidentes da midiaticização da sociedade (Hjarvard, 2013) –, as redes sociais conectadas fazem surgir um novo ecossistema informacional permeado por um campo de debates amplificado. Esse campo, facilitado pelas interações *online*, permite a afirmação dos sujeitos por meio da construção de coletivos que atuam em paralelo ao mesmo tempo, em que o poder de instituições tradicionais – como Mídia, Mercado e Estado – se desenvolvem.

Boltanski e Chiapello (2005), inclusive, associam a palavra “rede” a uma nova tendência no modo capitalista de produção, muito em razão do poder que as *Big Tech*, ou seja, as maiores e mais dominantes empresas do setor de tecnologia da informação dos Estados Unidos (Morozov, 2018, p. 11), assumem na contemporaneidade. Assim, as tecnologias da informação são ecossistemas para “a identificação das associações que constituem a conexão de diversos actantes em um grupo, revelando as redes de mediadores que estruturam um determinado sistema” (Cavalcante et. al. 2017, p. 4), nesse caso, o de chamada de atenção pública à situação de calamidade vivenciada na região Norte do Brasil, decorrente dos casos aqui expostos.

Nesse contexto, podemos tomar o usuário de rede não apenas como mero consumidor passivo de aplicativos, que simplesmente perpétua o extrativismo de dados servindo aos moldes de exploração do capitalismo de vigilância (Zubof, 2021), mas também como actante da realidade social que o circunda. Tal comportamento resultante da conectividade social da humanidade provoca profunda mudança no campo da visibilidade por meio da produção de conteúdos indexados por *hashtags*, conforme apresentamos, impactando a cobertura da mídia tradicional e, até mesmo, a percepção da democracia e o papel da governança diante dos fatos que envolvem a esfera pública.

Ora, sabemos que, para as *Big Tech*, tudo são oportunidades para negócios, por isso mesmo, o próprio Instagram⁹, por exemplo, estimula que cada vez mais movimentos criem perfis e marcas se apropriem dos ativismos em rede para amplificar culturas e, assim, gerar trânsito em mídia social digital. Isso garante investimentos em anúncios, patrocínios a movimentos sociais, público para influenciadores, eleitores para partidos e políticos, bem como anúncios e vendas pela plataforma, isto é, “lucro” para todos os lados.

Desse objetivo particular, existe o objetivo geral a ser alcançado pelos usuários, que colaboram com a produção de conteúdo, dos quais todos se beneficiam, nesse caso, até mesmo o Governo, quando busca dar resposta midiática à demanda social que por lá requisitou atenção, ou seja, atender ao que solicitou a opinião pública.

Considerações finais

O presente artigo buscou evidenciar a popularidade alcançada pelas *hashtags* #SoSAmapá e #SoSAamazonas, que propagaram mensagens decoloniais em uma tessitura de conexões que denominamos “pró-Norte”. Ao atingir a esfera pública, as manifestações de atores que integraram a rede determinaram a relevância dos assuntos e colocaram esses dois estados brasileiros na ordem do dia da mídia, transgredindo a histórica invisibilidade que a região norte do país possui no discurso colonizador nacional.

A guisa de conclusão, vimos que a Teoria Ator-Rede (Latour, 2012) se mostrou um caminho para seguir no sentido de desvendar a construção/fabricação ou até mesmo translação de fatos histórico-sociais em acontecimentos midiáticos/*online*, observando e descrevendo o debate social que daí se desvela tendo não somente pessoas enquanto actantes, como também os aparatos tecnológicos, aplicativos e *softwares*, todos aliados interligados por uma causa, sendo esta comum ou não.

A rede pró-Norte, por alguns dias, determinou que a crise energética no Amapá e a crise de oxigênio no Amazonas foram assuntos que valeram o desdobramento de discursos, de forma que os conteúdos indexados nas suas respectivas *hashtags* atingiram diversos públicos e chegaram também à mídia tradicional, fazendo o caminho contrário na legitimação da ordem vigente em que, nesse caso, os historicamente dominados se impuseram sobre os dominantes, ao menos no âmbito da produção de sentido.

Nesse cenário, podemos apresentar ainda, futuramente, algumas discussões sobre a reconfiguração da vida política a partir da penetração da tecnologia nas sociedades por meio da formação de redes, que questionam os poderes instituídos, afetando a opinião pública contra a lógica dominante/dominadora. Assunto para um próximo artigo.

Recebido em: 25 nov. 2022

Aceito em: 22 fev. 2023

¹ Notícia da Agência FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), citando o pesquisador Ricardo Alexino Ferreira (USP), ao conduzir o painel “A Produção Jornalística sobre Ciência, Tecnologia, Inovação (CT&I) e Meio Ambiente na Amazônia”.

² Idem.

³ “Termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais”. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

⁴ Disponível em: <<https://tecnoblog.net/391953/twitter-divulga-os-tweets-mais-curtidos-e-emojis-mais-usados-em-2020/>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁵ Disponível em: <<https://hashtagify.me/hashtag/energycrisis>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

⁶ No artigo publicado no Observatório do Jornalismo Ambiental, pertencente ao Grupo de Pesquisa de Jornalismo Ambiental, da UFRGS, Débora Gallas Steigleder cita reportagens que mostram a relação entre a conversão de florestas tropicais em áreas de agricultura intensiva e a propagação de novos vírus entre a população humana.

⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/jornal-el-pais-encerra-edicao-brasileira-e-pega-equipe-de-surpresa.shtml>>. Acesso em: 6 set. 2022.

⁸ A denominada *crowdfunding*, espécie de “vaquinha *online*”, também conhecida como financiamento coletivo (Wikipedia, 2020).

⁹ Vide o evento Casa Instagram. Disponível em: <<https://casainstagram2020.splashthat.com/>>. Acesso em 11 dez. 2020.

Referências

BENKLER, Y. **The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom.** New Haven: Yale University Press, 2006.

BOLTANSKI, L., CHIAPELLO, E. **The New spirit of Capitalism.** (Gregorry Elliot, trad.), New York: W W Norton & Co. Inc, 2005.

CALLON, M. Society in the making: the study of technology as a toll for sociological analysis. In: W. BIJKER et al. (Ed.). **The social construction of technological systems: New directions in the sociology and history of technology.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society.** Oxford: Blackwell, 2000.

CAVALCANTE, R. B., et al. A Teoria Ator-Rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde e enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321135449_A_TEORIA_ATOM-REDE_COMO_REFERENCIAL_TEORICO-METODOLOGICO_EM_PESQUISAS_EM_SAUDE_E_ENFERMAGEM. Acesso em: 30 set. 2021.

Celso Schröder aborda a cobertura da mídia sobre a Amazônia. **Mídia e Amazônia**, 4min 33seg, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/Y-36tkUAgRI>. Acesso em: 16 fev. 2021.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The costs of connection (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism).** Stanford: Stanford University Press, 2019.

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

Hashtagify. **#SosAmapá.** Disponível em: <https://hashtagify.me/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Hashtagify. **#SoSAMazonas.** Disponível em: <https://hashtagify.me/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Instagram. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: jul. 2022.

JACKSON, S.; BAILEY, M., WEELS, B. F. **Hashtag Activism.** Cambridge: MIT Press, Illustrated edition, 2020.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede.** Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LIMA JÚNIOR, W. T. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de geração: social em ambiente tecnológico digital. **Revista Líbero**. 2009. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1977853/M%C3%ADdia_social_conectada_produ%C3%A7%C3%A3o_colaborativa_de_informa%C3%A7%C3%A3o_de_relev%C3%A2ncia_social_em_ambiente_tecnol%C3%B3gico_digital>. Acesso em: 19 mar. 2021.

LIMA JÚNIOR, W. T. Neofluxo: Jornalismo, base de dados e a construção da esfera pública interconectada. **Galáxia**. 2011. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641247012.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LOUREIRO, V. R. P. A Amazônia no século 21: novas formas de desenvolvimento. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 527-552, jul./dez. 2012. Disponível em:

<<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10101>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LOUREIRO, V. R. P. **Amazônia: colônia do Brasil**. Manaus: Ed. Valer-Manaus, 2022.

LOOSE, E. B; BARBÉ, A. D. Cobertura ambiental durante a pandemia no Brasil e em Portugal: explorando crises e (des) conexões. In.: Chasqui - **Revista Latinoamericana de Comunicación**, 45-66. 2020. Disponível em:

<<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4282/3329>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MANSUÊTO, L. Amazônia é vista pela mídia como intocável, afirma pesquisador. **Agência Fapeam**. 2011. Disponível em:

<<http://www.fapeam.am.gov.br/amazonia-e-vista-pela-midia-como-intocavel-afirma-pesquisador/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The agenda-setting function of mass media. **Public opinion quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1086/267990/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MOROZOV, E. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. Marcondes, Cláudio (trad.). São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RAMOS, J. M. **Incorporação e integração da Amazônia: perpetuação da colonialidade**. 2019. Disponível em:

<<https://amazonialatitude.com/2019/12/17/incorporacao-e-integracao-da-amazonia-perpetuacao-da-colonialidade/#:~:text=J%C3%A1%20o%20processo%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o,partir%20da%20segunda%20metade%20do>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, São Leopoldo: Unisinos, v. 28, n. 68, p. 114-124, mai./ago., 2014. Disponível em:

<<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Aplicações de ARS para Mídia Social. Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2020.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

STEIGLEDER, D. G. **Jornalismo ambiental: complexidade para ligar os pontos**. s/d. Disponível em: <<https://jornalismoemambiente.com/tag/jornalismo-ambiental/>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

SILVA, V. H. **Twitter divulga os tweets mais curtidos e emojis mais usados em 2020**. s/d. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/391953/twitter-divulga-os-tweets-mais-curtidos-e-emojis-mais-usados-em-2020/>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

SUESS, R. C; SILVA, A. de S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**. Vol. 23., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/35469/html#:~:text=O%20pensamento%20decolonial%20%C3%A9%20um,abertura%20para%20um%20pensamento%20doutro>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

TUFEKCI, Z. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, Reprint edition, 2018.

Twitter. Disponível em: < <https://twitter.com/>>. Acesso em: jul. 2022.

WEBER, M. **The Theory of Social and Economic Organization**. New York: Free Press. 1947.

Wikipédia, Enciclopédia eletrônica. **Crowdfunding**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Financiamento_coletivo>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.